



José Gabriel Ávila*
jgazores@gmail.com

Da banda de cá e da banda de lá

“Se o que se pretende é que os membros do Conselho da Diáspora Açoriana se pronunciem e apresentem propostas para desenvolver as melhores e mais adequadas políticas públicas, então há que dar voz também aos emigrantes açorianos na Europa que vivem noutros patamares do desenvolvimento e do saber.”



Foto: José Gabriel Ávila

1.- Andando pelas ruas, na noite calada da vila quase deserta, ouço ao longe melodias, êxitos dos idos anos da minha juventude.

O som dos instrumentais de sopro e de percussão remetem-me para uma banda de música, ensaiando para festas e concertos de verão, prestes a começarem. Fui-me aproximando e dei comigo à porta do pavilhão gimnodesportivo. Espreitei, entrei e deparei-me com sala cheia, apreciando o concerto de encerramento do II Estágio e MasterClass de Direção das Bandas Filarmónicas das Lajes do Pico.

102 executantes das mais diversas idades pertencentes às seis filarmónicas do concelho, com atuais e futuros maestros, dispuseram-se, durante uma semana, a aprender e a aperfeiçoar a direção musical das bandas em que se integram.

Simplem apreciador, ouvi, com muito agrado, excelentes execuções e interpretações de ritmos novos que, aos poucos, vão formando os repertórios das filarmónicas.

“Há aqui muitos valores” - confessou-me o Maestro Hernani Petiz, professor do Conservatório de Música da JOBRA e responsável pela ação de formação.

Talvez por isso é que, entre a centena de executantes, encontravam-se muitas crianças, adolescentes e jovens. Destes, duas dezenas deles escolheram a EPABI - Escola Profissional de Artes da Covilhã, para frequentarem o ensino básico, aperfeiçoarem a sua execução instrumental e mais facilmente, seguirem uma carreira instrumental.

Depois desta ação de formação, patrocinada também pelo município lajense, realizou-se na passada semana o IV MasterClass de sopros e

percussão promovido pela Filarmónica Liberdade Lajense, com concerto de encerramento.

Nunca é demais relevar estas iniciativas que denotam o empenho dos dirigentes das Sociedades Filarmónicas no aperfeiçoamento musical dos seus executantes e demonstram o apreço dos jovens pela arte dos sons e pela ocupação saudável dos tempos livres.

Em terras onde os espetáculos e concertos musicais com intérpretes e agrupamentos de nomeada só tem lugar no verão, são as bandas de música que animam as comunidades locais. E fazem-no preparando-se no inverno para poderem demonstrar a qualidade a que a população já se habituou.

Bom seria que o Teatro Micaelense, como entidade pública empresarial, tutelada pelo Governo dos Açores, levasse a outras ilhas artistas e espetáculos, em intercâmbios culturais e trouxesse a Ponta Delgada filarmónicas e outras iniciativas culturais. Assim haveria justiça e equidade promovidas pelo “serviço público no domínio da promoção cultural, através da apresentação, produção e coprodução de atividades nas mais diversas vertentes artísticas”.

De contrário, só beneficia dos dinheiros públicos a Ilha Grande fechada enquanto outras continuam isoladas a ver passar os navios rumo a califórnia *sendidas de abundância*.

2.- Por falar em Califórnia, foi apresentado há dias o diploma que cria o Conselho da Diáspora Açoriana. Será constituído por 19 representantes eleitos em sete regiões do mundo: cinco pelo Brasil, cinco pelo Canadá, cinco pelos Estados

Unidos, um pela Bermuda, um pelo Uruguai, um pelo continente português e Madeira e um representante do resto do mundo.

Os 33 membros deste conselho englobam 11 representantes do governo dos Açores e entidades nacionais ligadas à emigração.

A proposta governamental determina que àquele organismo compete, entre outras: “*Envolver os Açorianos residentes fora do Arquipélago no debate e na definição de políticas públicas e nos projetos públicos açorianos, com particular incidência no fomento da relação da Região com a Diáspora açoriana no mundo.*” [artº 3º a)].

Reputo do maior interesse a criação deste organismo consultivo que irá trazer contributos importantes de tantos açorianos que se viram “obrigados” a procurar noutras paragens nos últimos séculos, melhores condições de vida e valorização pessoal.

Nos últimos anos, porém, os países da União Europeia são o destino de jovens com qualificações técnicas e profissionais nas mais diversas áreas. Lá se instalaram com a família pelo que, nos tempos mais próximos, não regressarão, um pouco à semelhança do que aconteceu com a emigração para as Américas. Embora não seja fácil apurar quantos são e onde vivem, todos ganhariam se lhes fosse concedida uma representatividade mais expressiva.

O mesmo deveria acontecer com os açorianos e descendentes que vivem no continente. Um representante para continente e Madeira, e outro para o resto do mundo é insignificante, se atendermos à representatividade do Brasil.

Se o que se pretende é que os membros do Conselho da Diáspora Açoriana se pronunciem e apresentem propostas para desenvolver as melhores e mais adequadas políticas públicas, então há que dar voz também aos emigrantes açorianos na Europa que vivem noutros patamares do desenvolvimento e do saber.

Comparando as realidades que eles vivenciam e as da ilha onde nasceram, não deixam de refletir sobre a melhor forma de dar o salto tão desejado para nos equipararmos com as regiões mais bem sucedidas seja da Europa, seja da América do Norte.

Aqui fica a minha sugestão.

Se “açoriano é qualquer cidadão que tenha ascendência açoriana”, (artº5 nº3) o contributo de todos é fundamental. Sobretudo dos mais bem preparados e competentes.

¹<https://www.teatromicaelense.pt/teatro/>

*jornalista c.p. 239 A
<http://escritemdia.blogspot.com>